



DIRECÇÃO GERAL

COMUNICADO N.º 12 DATA 6/5/78

REFLECTIR antes de AGIR contribuição para a definição colectiva de uma posição

No seu comunicado nº11 de 3/5/78 a Direcção-Geral da A.A.C. alertava para a afrontosa atribuição de funções docentes e, eventualmente directivas ao Sr. Coteló Naiva. Nele se definia a especificidade deste caso e se caracterizava a pessoa em questão (não lhe chamaremos Professor; recusamos tal designação a quem usou essa condição para servir a representação fascista sobre os estudantes). Cabe-nos agora tecer algumas considerações sobre a forma como situamos esta questão no contexto dos vários problemas existentes a nível do Ensino Superior, da Universidade de Coimbra e da Academia em particular.

É visível o movimento que, a nível nacional, os estudantes constroem no sentido de, não só contestar a política de ensino que vem sendo seguida (e para a definição da qual não são consultadas nem as escolas nem os estudantes), mas também estudar e elaborar alternativas que podem constituir um contributo altamente positivo para a definição de uma política de Ensino ao serviço da democracia. De E.N.D.A., os encontros por ramo de ensino, o trabalho ao nível de cada Academia e Escola vão cada vez mais pondo em relevo esta realidade e tal significa que estamos em presença de um avanço qualitativo na vida do Movimento Associativo, que surge agora mais criativo e com uma dinâmica assente em bases muito mais sólidas. Este facto permite que a unidade se alargue correspondentemente a estas condições. O Movimento assim erguido, virá a conter uma força e uma capacidade de resposta às solicitações que lhe forem criadas muito superior a aquela que, fundado e unido sobretudo em processos mais

assembleia MAGNA - DIA 9 (3ª feira) - GIL VICENTE

ou menos pontuais, quantas vezes vistas só em termos de "crise", foi dinâmico e combativo, sem dúvida, mas com perspectivas estratégicas pouco claras e propenso a esgotar as suas forças até à exaustão na tática seguida em cada questão em que se empenhava, contestando com justiça mas nem sempre agindo ou apresentando alternativas com justeza. A Academia de Coimbra, através dos seus órgãos associativos, tem desempenhado um papel relevante neste processo, avançando com firmeza, mas sem demagogia nem prejuízos para o decurso do seu normal trabalho escolar. Todavia, é fundamental alargar cada vez mais o número dos participantes activos neste processo e fomentar a organização de cada vez mais estruturas associativas nas escolas. Esta, pensamos, é uma linha de trabalho fundamental.

Chegados a este ponto, caberá que nos interroguemos sobre quais as formas que usaria quem desejasse dividir, ataxar e desarticular este movimento. Se as considerações que fizemos atrás são justas, não duvidamos de que o caso de Cotelo Neiva pode servir perfeitamente a quem prossiga estes objectivos. O "convito" a que o Movimento Associativo mais uma vez se esgote num processo deste tipo é evidente e é um risco de que os estudantes, pela experiência que tiveram de outros casos idênticos, têm certamente consciência. Hoje temos já alguns sangrados reintegrados; e, se para alguns deles se poderia justificar uma revisão da sua situação pela Escola, outros há cuja reintegração é uma verdadeira afronta, pois foram os colaboradores da repressão pidesca na Universidade. Cotelo Neiva é um exemplo flagrante. Todavia temos uma certeza: estas reintegrações são um acto de força do Poder e não uma derrota do Movimento Estudantil agindo na esfera que lhe é própria. Pensamos que é tempo de estabelecer esta distinção. Uma coisa seria uma derrota das perspectivas democráticas do Movimento Estudantil no seu próprio âmbito de acção, outra é supor uma imposição pela força de um Poder que não dialoga. Actos destes não foram os estudantes os únicos a sofrer-los; mais do que eles os sofreram os trabalhadores dos campos e das fábricas e nem por isso se consideram derrotados, como ficou claro no último 1º de MAIO.

Para os estudantes, a nosso ver, chegou a altura em que, mais do que desencadear movimentos de massas, por muito amplos que eles sejam, há que desenvolver uma linha de massas clara e definida. E, neste momento, as condições para isso existem. Pelo que foi dito, discordamos em absoluto dos que afirmam existir "uma recuperação fascista nas escolas". Pelo contrário, o panorama nacional a nível das escolas é precisamente o inverso: o do reforço cada vez maior da perspectiva democrática e unitária. O que torna mais anacrónica e contraditória qualquer tentativa de lhes impor, como acontece agora com Cotelo Neiva, serventúrios do regime fascista. Neste caso, como em outros, a presença de tais elementos nos quadros do Ensino não decorre, obviamente, de uma dinâmica interna das escolas que, pelo contrário, os rejeitam.

Pensamos que se impunha a afirmação das ideias atrás expostas, pois delas decorre a posição que a D-G se propõe apresentar à Assembleia Magna, de pois de a discutir com as Comissões de Curso e outras estruturas associativas que em tal estejam interessadas em reunião que, desde já, convocamos para 2ª F, às 21,30 na Sala de Projeções da A.A.C.. Em termos gerais propomos:

a) um dia de luta, em que manifestemos o nos o repúdio pela atribuição de serviço docente a Cotelo Neiva e o nossa oposição a que venha a ter cargos directivos, que consista numa greve de aulas e outras formas de concretização a definir oportunamente.

b) o lançamento de formas de esclarecimento e debate do problema do fascismo nas escolas, nos vários aspectos que esta questão envolva.

Pela estrutura da proposta que apresentamos, fica claro que a nossa posição não contém a perspectiva de desencadear de uma luta que se esgote nos seus objectivos imediatos e que se vá prolongar até estes serem atingidos na sua totalidade e a qualquer preço. Para sermos coerentes com as teses que expusemos, discordamos que se empenhem todas as forças do MA neste processo particular que é parte de um todo muito mais vasto para o qual os estudantes têm de encontrar uma resposta global e unir as suas forças. Esse todo envolve a Democratização do Ensino, objectivo central do M.E. e de que a questão dos elementos fascistas integrados no aparelho escolar é apenas um aspecto particular. A D-G da AAC, tendo embora perspectivas definidas quanto a esta questão e que foram aqui expostas em traços largos, respeitará aquilo que for deliberado pelo órgão maximamente representativo da Academia, a A. MAGNA.